

# MEMÓRIA COLETIVA – UM RELATO SOBRE A APLICAÇÃO DOS RECURSOS DA LEI ALDIR BLANC NO PONTO DE CULTURA CASA CANDEEIRO DO OESTE

**Joelma Cristina Silva Moreira Stella<sup>1</sup>**

## RESUMO

Este é um relato da aplicação dos recursos da Lei Aldir Blanc no Ponto de Cultura Casa Candeeiro do Oeste<sup>2</sup>, em Sítio do Mato, território Velho Chico, Oeste da Bahia. Discute-se o impacto econômico da premiação, mas principalmente os reflexos afetivos e identitários percebidos na equipe do Ponto de Cultura e na população da cidade em consequência da execução dos projetos.

\*

## Casa Candeeiro do Oeste

A Casa Candeeiro do Oeste é um Ponto de Cultura na cidade de Sítio do Mato<sup>3</sup>, território do Velho Chico, região Oeste da Bahia. Reconhecido como Ponto de Cultura a partir do processo de certificação simplificada lançado pela Secretaria de Cultura do Estado da Bahia – Secult, em Outubro de 2020, o espaço existe desde 1999 e nasceu como uma sala de leitura criada pela professora Jussara Moreira na sua casa. Na época, a ideia da professora era oferecer um local no qual os estudantes pudessem pegar livros emprestados e fazer pesquisa escolar, pois não havia biblioteca nem acesso à internet no município.

Em seguida, ainda na primeira década de 2000, a professora Jussara estabeleceu parceria com a agência do Sebrae de Barreiras e a Casa passou a sediar oficinas de artesanato, apicultura e beneficiamento de frutas. Nas oficinas nasceu o grupo de artesãs de Sítio do Mato, que permanece até

<sup>1</sup> Graduada no Bacharelado Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda do Programa de Pós - Graduação em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal da Bahia. E-mail [joelma.stella@ufba.br](mailto:joelma.stella@ufba.br)

<sup>2</sup> <https://casacandeeirodooste.com/>

<sup>3</sup> <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/sitio-do-mato.html>

hoje como residente do Ponto e tem entre as suas integrantes algumas gestoras da Casa Candeeiro.

**Figura 1** – Casa Candeeiro do Oeste, Sítio do Mato, Bahia, 1999



Fonte: Acervo da Casa Candeeiro do Oeste

**Figura 2** – Casa Candeeiro do Oeste, Sítio do Mato, Bahia, 2021



Fonte: Acervo e autoria de Breno Manoel

No ano de 2012 moradores da zona rural descobriram sítios arqueológicos<sup>4</sup> na cidade, no assentamento Vale Verde e no Morro do Lajeado. Na ocasião, fósseis indígenas da etnia Aratu foram retirados dos sítios, classificados e restaurados por uma equipe coordenada pelo professor Doutor Luydy Abraham Fernandes<sup>5</sup> (UFRB). Após a restauração ficou acordado com a população que os fósseis ficariam na cidade, sob a tutela da professora Jussara Moreira. Este foi o primeiro passo para que a Casa Candeeiro do Oeste se tornasse um Ponto de Cultura.

O pai da professora Jussara, o senhor João Gabriel, era organizador da Festa do Candeeiro, manifestação cultural que durante anos foi a principal

<sup>4</sup> Link para documentário sobre os sítios arqueológicos: [https://youtu.be/\\_kn7T3YVO8Y](https://youtu.be/_kn7T3YVO8Y)  
<sup>5</sup> <https://ufrb.academia.edu/LuydyAbrahamFernandes>

feira popular da cidade. A celebração também tinha cunho político, pois os organizadores reivindicavam a emancipação de Sítio do Mato de Bom Jesus da Lapa, de onde a cidade foi distrito até o ano de 1992. Graças à festa seu João era uma referência na cultura do município, portanto, quando os fósseis foram descobertos pareceu “natural” à comunidade que ficassem sob os cuidados desta família.

**Figura 3** - Cerâmicas Aratus expostas na Casa Candeeiro do Oeste, 2021.



Fonte: Acervo e autoria de Breno Manoel

Após a instalação dos fósseis, a professora Jussara mudou-se da Casa. Surgiram as primeiras excursões para conhecer as peças Aratus, e em seguida a Casa também foi procurada para abrigar o Boi Bumbá e outros objetos doados por moradores. A casa perdeu seu sentido pessoal, familiar e passou a ter um sentido patrimonial coletivo municipal, tornando-se um espaço histórico que abriga registros da cultura e da história de Sítio do Mato, ou como coloca Jöel Candau (1988, p. 141), uma representação material da ideia de que “a memória familiar é nossa “terra” algo que não existia antes neste formato na cidade.

A Casa ficou fechada de 2016 a 2021, pois precisava de reforma urgente, abrindo eventualmente para reuniões e visitas ao acervo. O grupo tentou estabelecer parcerias com o poder público local ao longo dos anos e em governos diferentes, porém nunca conseguiu apoio da gestão municipal para a manutenção da Casa. Em 2019 o espaço teve sua primeira aprovação em um edital, o Setorial de Museus, edital administrado pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC). O projeto prevê a manutenção das peças Aratus, e ainda não foi executado em decorrência da pandemia de COVID-19. Em 2020 a Casa foi contemplada em três editais da Lei Aldir

Blanc Bahia e recebeu pela primeira vez recursos oriundos de leis de incentivo à cultura, exercendo a função dinamizadora atribuída aos Pontos de Cultura quando da implementação da Lei Cultura Viva e amplamente discutida por diversos autores, como César Mendonça Pereira (2011, p. 198) que em seu artigo para a coletânea do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, pontua sobre a Lei que “o Programa Cultura Viva visa potencializar ações culturais já desenvolvidas por setores historicamente alijados das políticas públicas, criando condições de desenvolvimento econômico alternativo e autônomo para a sustentabilidade da comunidade.”

### **Lei Aldir Blanc**

A Lei Nº 14.017, conhecida como Lei Aldir Blanc, promulgada em 29 de junho de 2020, “dispõe sobre ações emergenciais destinadas ao setor cultural a serem adotadas durante o estado de calamidade pública reconhecido pelo Decreto Legislativo nº 6, de 20 de março de 2020”, com a finalidade de prestar auxílio emergencial à classe artística brasileira diante do cenário pandêmico ocasionado pelo COVID19. A partir da Lei, a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, lançou sete editais ligados às suas unidades vinculadas<sup>6</sup>, ficando inicialmente estipulado o prazo de janeiro de 2021 até abril de 2021 para execução e prestação de contas dos mesmos.

A Casa Candeeiro foi contemplada com cinco projetos nos editais Aldir Blanc Bahia: Registro e portfólio das artesãs de Sítio do Mato e Revitalização do Boi Bumbá, ambos contemplados no edital Prêmio de preservação dos bens culturais populares e identitários da Bahia Emília Biancardi do Centro de Culturas Populares e Identitárias - CCPI, Digitalização do acervo fotográfico da Casa Candeeiro do Oeste e a oficina de xilogravura e estamparia “Retradicionando, contemplados no Prêmio das Artes Jorge Portugal, da Fundação Cultural do Estado da Bahia - Funceb, e o Prêmio Cultura Viva para pontos e pontões de cultura. Além dos cinco projetos, a produtora da Casa, Joelma Stella, teve seu projeto de e-book fotográfico “Duas águas e o tempo” contemplado na categoria artes visuais do prêmio vinculado à Funceb. O e-book reúne cinquenta anos de fotografias dos rios São Francisco e Corrente que margeiam o Sítio do Mato.

<sup>6</sup> Página do Programa Aldir Blanc Bahia: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=325>

## Realização dos projetos

A execução dos projetos começou no dia 06 de janeiro de 2021, e as atividades foram divididas em grupos de trabalho. Uma equipe ficou responsável pela comunicação dos projetos, que incluía a captação e edição de imagens e o gerenciamento das redes sociais. Outras equipes ficaram à frente da digitalização do acervo, da oficina de gravura e da revitalização do boi bumbá. Através do Prêmio Cultura Viva foram realizadas três ações: a reforma do Ponto de Cultura, uma websérie intitulada Causos do Sítio que entrevistou idosos da cidade, e vídeo aulas sobre o beneficiamento do umbu, fruta típica da região, ministrada por Tia Du, cozinheira local que há mais de quinze anos vende doces e salgados nas escolas e na feira do município e integra a comissão gestora do Ponto de Cultura.

**Figuras 5 e 6** – Cards de divulgação de projetos executados via Lei Aldir Blanc



Fonte: fotografias e acervo de Joelma Stella e Milene Gonçalves. Design: Joelma Stella

Ao todo, trinta pessoas trabalharam diretamente nos projetos entre janeiro e maio de 2021, sete homens e vinte e três mulheres. O site da Casa foi criado para abrigar a exposição virtual resultante de um dos projetos, mas também reúne todo o conteúdo produzido nos outros projetos e as informações institucionais do Ponto de Cultura. Este foi o único trabalho realizado por uma pessoa de fora da cidade, Ricardo Araújo, graduando de jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia UFBA, que é de Itaju do Colônia, cidade no sul da Bahia, as outras pessoas beneficiadas economicamente pelos projetos são de Sítio do Mato. A maioria dos participantes, 28 pessoas, nunca havia sido remunerada por seu trabalho, seja ele artístico cultural ou não, através de leis de incentivo a cultura, o que evidencia a importância dos Pontos de Cultura como espaço mediador para a descentralização dos recursos

financeiros direcionados para a área cultural através de editais e outros mecanismos de financiamento, conforme pontua Alice Lacerda (2010, p. 8) sobre a Lei Cultura Viva: “estabelecer a democracia cultural numa sociedade contemporânea consiste em proporcionar condições que tornem possível o acesso, fruição, produção e distribuição da cultura por todos os cidadãos”.

A equipe priorizou o registro audiovisual dos projetos integrados ao desenvolvimento da presença da Casa na internet, o que foi fundamental para que o resultado dos projetos ecoasse na comunidade sitiomatense dentro e fora da cidade. Além da função econômica dos prêmios, era fundamental para a equipe trabalhar a identidade cultural da população para cumprir também com o que diz Botelho (2001, p. 24): “fornecer aos excluídos da cultura tradicional os meios de desenvolvimento para que eles mesmos se cultivarem, segundo suas próprias necessidades e exigências”

O primeiro conteúdo que criou expectativas foi a websérie Causos do Sítio, que reúne depoimentos de moradores sobre a cultura e história locais. Desde a publicação da primeira foto de bastidores do projeto, uma imagem do senhor Agostinho Lopes na janela do bar que mantém na praça principal da cidade há mais de cinquenta anos, os moradores começaram a abordar membros da equipe da Casa, curiosos para saber quando a entrevista seria publicada. Enquanto este artigo era escrito, uma das entrevistadas, Dona Isabel, foi até o ponto de cultura perguntar quando sua entrevista iria ao ar, pois suas filhas em São Paulo estavam ansiosas para assistir. A idosa deu um relato sobre a lamentação, procissão de senhoras cobertas com panos brancos e tocando maracas que iam rezar na porta do cemitério municipal no dia de finados. A manifestação cultural não acontece mais e Dona Isabel é a única das participantes ainda viva. A interação nas redes sociais também cresceu, principalmente no Facebook, a maior parte dos comentários é de pessoas que foram para grandes centros urbanos em busca de emprego. O sujeito migrante que talvez se veja como estrangeiro onde vive, retorna a sua própria identidade ao assistir às entrevistas, pois segundo Jöel Candau (1998, p. 138) “como se nesse caso a memória viesse, compensar a ausência de uma ancoragem em um território”. Já no projeto das artesãs, outro impacto que observamos é na auto-imagem do grupo. Durante as gravações elas demonstraram

grande timidez diante da câmera, inseguras e tensas. Porém, após a publicação do portfólio e do mini documentário a equipe de audiovisual se surpreendeu com a felicidade delas por se enxergarem bonitas, e mais do que a possibilidade de ter seu trabalho divulgado fora da cidade, a sua maior alegria era sobre a percepção da beleza do coletivo. Pensando que a resposta para a pergunta de Leitão (2009, p. 22) “Como reaver o capital social de comunidades excluídas, (...) despossuídas de auto-estima e de capacidade de mobilização?” era através da divulgação das peças artesanais, acabamos descobrindo que poderia ser também ressignificando o mito de Narciso a partir da imagem refletida na tela, espelho valorizado na contemporaneidade, e na percepção da própria beleza.

O projeto mais complexo de realizar foi o Boi Bumbá que previa a construção de uma estrutura metálica para o boi, para evitar problemas com cupim, e a eleição de uma nova comissão responsável pela encenação. Das ações previstas a mais difícil foi montar a comissão, pois apesar de muitas crianças procurarem a equipe querendo participar, algumas foram impedidas pelos familiares que consideravam o Boi uma coisa do demônio. Percebeu-se depois que as famílias destas crianças eram frequentadoras das igrejas neopentecostais que crescem exponencialmente na cidade. Ao todo cinco crianças foram impedidas de participar pelos familiares com este argumento. Os outros projetos que geraram impacto na comunidade foram a exposição virtual com fotografias antigas da cidade, e o e-book Duas águas e o tempo. Neles foi interessante observar a nostalgia causada na população ao ver imagens antigas da cidade e ao identificar pessoas já falecidas nas fotos.

### **Considerações finais**

Quando a equipe da Casa Candeeiro do Oeste resolveu inscrever projetos na Lei Aldir Blanc Bahia esperava principalmente captar recursos para movimentar o espaço e ampliar a visibilidade do Ponto de Cultura no estado. Porém, o retorno inesperado dos projetos foi sem dúvida o impacto causado na população, especialmente naqueles que migraram. Há uma não identificação da população sitiomatense com a cultura da capital Salvador, que é vendida nacionalmente como cultura baiana, mas que não

dá conta da multiplicidade de culturas que existem dentro de um estado tão grande quanto a Bahia. As pessoas de Sítio do Mato não se veem na cultura soteropolitana, uma realidade distante para a maioria dos nativos da cidade ribeirinha que fica a doze horas de viagem da capital. Brasília, que fica a seis horas de ônibus de Sítio do Mato, é o principal destino de migração dos nativos. São Paulo é o segundo destino de migração. Uma minúscula parcela da população busca Salvador, pois como já existem “colônias” de sitiomatenses em Brasília e São Paulo, é mais fácil se sentir em casa e receber apoio e acolhimento.

É preciso destacar também que mesmo após a sua emancipação, Sítio do Mato mantém uma relação de dependência econômica e estrutural com Bom Jesus da Lapa, o que contribui para uma situação de bullying institucional dos lapenses com os sitiomatenses, e leva muitos a sentirem vergonha da cidade, optando por dizer que são de outro lugar quando questionados sobre a sua naturalidade, demonstrando assim o que coloca Michael Pollak (1992, p. 5) em seu artigo sobre memória e identidade social, como “a construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.”

Hoje o município conta com um comércio que consegue absorver parte da mão de obra, o que reduziu a migração e trouxe uma pequena independência da cidade vizinha, porém ainda saem vans diariamente para que os cidadãos possam acessar serviços básicos como banco, médicos, educação superior e profissionalizante, INSS entre outros. Esta dependência persistente, mesmo que indireta, ainda reflete na autoimagem e identidade dos sitiomatenses, conforme Bourdieu (1989, p. 100): “Podemos compreender que o ser social é aquilo que foi, (...) ficou inscrito não só na história, o que é óbvio, mas também no ser social, nas coisas e nos corpos.” Diante de um cenário de invisibilidade regional e falta de investimento no município, que afetam econômica e psicologicamente os cidadãos, acredito que o conteúdo produzido a partir dos projetos contribuiu para fortalecer a identidade, a memória e a autoestima sitiomatense, e trouxe para a população migrante a oportunidade de estar em contato com a família e com a cidade, e sentir orgulho de se dizer nativo de Sítio do Mato.

## REFERÊNCIAS

BOTELHO, Isaura. **Dimensões da Cultura e Políticas Públicas**. São Paulo Perspec. [online]. 2001, vol.15, n.2, p.73-83.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. (1989)

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade**. (1998)

LACERDA, Alice. **Democratização da Cultura X Democracia Cultural: os Pontos de Cultura enquanto política cultural de formação de público**. (2010)

LEITÃO, Cláudia. **Cultura e Municipalização. Cultura é o que?**. Salvador: Fundação Pedro Calmon, v. 03, 2009. Secretaria de Cultura do Estado da Bahia.

PEREIRA, César de Mendonça. Política Pública Cultural e Desenvolvimento Local: Análise do Ponto de Cultura Estrela de Ouro de Aliança, em Pernambuco. In: **Pontos de Cultura: olhares sobre o Programa Cultura Viva**. Org. CALABRE, Lia, BARBOSA, Frederico. Brasília: Ipea, 2011.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Tradução: Monique Augras.